1ª Aparição de Fátima

Em 13 de maio de 1917, dignou-se a Santíssima Mãe de Deus aparecer a três pobres pastorinhos, Lúcia, Francisco e Jacinta, sob uma carrasqueira, na Cova da Iria, Fátima, então uma pequena aldeia na Vila Nova de Ourém. A Cova da Iria era uma propriedade do Sr. António dos Santos, que ali plantava e criava animais para sua subsistência.

A pastorinha mais velha, Lúcia dos Santos, filha do Sr. António e prima dos outros dois, era a única que conseguia ver, ouvir e falar com a Senhora, que, até então, não sabiam quem era – Jacinta via e ouvia[1], e Francisco só via[2]. Os pastorinhos foram interrogados múltiplas vezes, por vários padres, inclusos o pároco, padre Manuel Marques Ferreira, e o padre doutor Manuel Nunes Formigão. Relata o interrogatório com o pároco:

"Primeiro viram um relâmpago, levantaram-se e começaram a juntar as ovelhas para se irem embora com medo, depois viram outro relâmpago, depois viram uma mulher em cima duma carrasqueira, vestida de branco, nos pés meias brancas, saia branca dourada, casaco branco, manto branco, que trazia pela cabeça, o manto não era dourado e a saia era toda dourada a atravessar, trazia um cordão de ouro e umas arrecadas muito pequeninas, tinha as mãos erguidas e quando falava alargava os braços e mãos abertas.

Essa mulher disse que não tivessem medo, que não lhes fazia mal.
Perguntou a Lúcia:

– Que lugar é o de vossemecê?

Ela disse:

– O meu lugar é o céu.
– Para que é que vossemecê cá vem ao mundo?
– Venho cá para te dizer que venhas cá todos os meses até fazer seis meses e no fim de seis meses te direi o que quero.
– Vossemecê sabe-me dizer se a guerra ainda dura muito tempo ou se acaba breve?
– Não te posso dizer ainda enquanto te não disser também o que quero.

Perguntei-lhe se ia para o Céu e ela disse-me:

– Tu vais.
– E minha prima?
– Também vai.
– E meu primo?
– Esse ainda há-de rezar as continhas dele.

E depois disto abalou pelo ar acima.
Os outros dois ouviram as perguntas e as respostas mas não fizeram perguntas." [3]

---

[1] *Documentação Crítica de Fátima: Seleção de documentos (1917-1930)*. Fátima: Santuário de Fátima, 2013, p. 43.
[2] Ibidem, p. 53.
[3] Ibidem, p. 30.

Em outro interrogatório, com o padre Formigão, Jacinta daria mais detalhes:

"– Como está vestida?
– Tem um vestido branco, enfeitado a ouro, e na cabeça tem um manto, também branco. Em volta da cintura há uma fita doirada que desce até à orla do vestido.
– Usa botas ou sapatos?
– Não usa botas nem sapatos.
– Então tem só meias?
– Parece que tem meias, mas talvez os pés sejam tão brancos que pareçam trazer meias calçadas.
– De que cor são os cabelos?
– Não se lhe veem os cabelos, que estão cobertos com o manto.
– Traz brincos nas orelhas?
– Não sei, porque não se lhe veem também as orelhas." [4]

O padre interrogou também Lúcia:

"– Donde é que ela vem? Das bandas do nascente?
– Não sei; não a vejo vir de parte alguma; aparece sobre a carrasqueira, e quando se retira é que toma a direção donde nasce o sol.
– Quanto tempo se demora? Muito ou pouco?
– Pouco tempo.
– O suficiente para se recitar um Padre Nosso e uma Avé Maria, ou mais?
– Mais, bastante mais, mas nem sempre o mesmo tempo (talvez não chegasse para rezar o terço).
– Da primeira vez que a viste não ficaste assustada?
– Fiquei, e tanto assim que quis fugir, com a Jacinta e o Francisco, mas Ela disse-nos que não tivéssemos medo, porque não nos faria mal. Disse: *"não tenham medo que eu não vos faço mal."*

(...)

– Sorriu-se alguma vez ou mostrou-se triste?
– Nunca se sorriu nem se mostrou triste, mas sempre séria." [5]

O padre Formigão ainda acrescentou:

"Não é verosímil que três crianças de tão tenra idade, uma delas apenas com sete anos, rudes e ignorantes, mintam e persistam na mentira durante tantos meses, posto que sejam tão obsediadas com perguntas e interrogatórios de toda a ordem e ameaçadas pelos representantes da autoridade eclesiástica e da autoridade civil e por tantas pessoas a quem elas devem respeito e consideração. Nenhuma consideração, nenhum temor é capaz de demovê-las de afirmar que veem Nossa Senhora. Nem a prisão a que as sujeitam, depois de as arrancar violentamente ao seio da família e de as levarem para longe da terra, em que nasceram e têm vivido, as intimidações exercidas por elementos do povo, que chegam ao extremo de ameaçá-las com a morte, se um dia forem depreendidas em mentira flagrante. A naturalidade e franqueza com que se expressam, a simplicidade e candura que manifestam, a indiferença e desinteresse que mostram quanto ao facto de se lhes prestar ou não crédito, a timidez extrema da Jacinta, as próprias

---

[4] Ibidem, p. 53.
[5] Ibidem, p. 56-58.

contradições aparentes, facilmente explicáveis, em que caiem e que excluem em absoluto qualquer combinação entre as crianças, são tudo indícios de que as crianças possuem, no mais alto grau, um dos requisitos indispensáveis numa testemunha para ser fidedigna: a veracidade.
Mas serão as crianças vítimas de uma alucinação? Estarão iludidas, julgando ouvir, e não ouvindo, julgando ver, e não vendo? Verificar-se-á no caso sujeito a hipótese de autosugestão?
Mas como, se nada autoriza semelhante suposição, de todo o ponto gratuita? Não se trata de uma só testemunha, são três.
Não se trata de adultos, mais sujeitos a alucinações, mas de crianças. E que crianças! Crianças de tenra idade, dotadas de perfeita saúde, e que não manifestam o mais pequeno sintoma de histerismo, segundo a declaração de um médico consciencioso que as examinou cuidadosamente.
Dar-se-á o caso, não raro sucedido, de uma intervenção diabólica?
O anjo das trevas transforma-se algumas vezes em anjo de luz, para enganar os crentes. Verificar-se-á isso agora? A Jacinta afirma que o vestido da Senhora chega apenas aos joelhos. A Lúcia e o Francisco declaram que desce até próximo dos artelhos. Haverá neste ponto confusão da parte das crianças, sobretudo por parte da mais nova? Se não, este ponto torna-se difícil de explicar e resolver.
Nossa Senhora não pode, evidentemente, aparecer senão o mais decente e modestamente vestida. O vestido deveria descer até perto dos pés. O contrário, posta de parte a hipótese de um engano das crianças, aliás admissível, porque podiam não ter reparado bem, não ter podido examinar perfeitamente o traje da aparição, tanto mais que não possuem o dom da infalibilidade, o contrário, digo, constitui a dificuldade mais grave a opôr à sobrenaturalidade da aparição e faz nascer no espírito o receio de que se trata de uma mistificação, preparada pelo espírito das trevas. Mas como explicar a concorrência de tantos milhares de pessoas, a sua fé viva e a piedade ardente, a modéstia e compostura que mostram em todos os seus atos, o silêncio e recolhimento da multidão, as conversões numerosas e retumbantes ocasionadas pelos acontecimentos, o aparecimento de sinais extraordinários no céu e na terra, verificados por milhares de testemunhas, como explicar, repito, todos estes factos e conciliá-los com a providência divina e a economia que rege o mundo sobrenatural, sobretudo depois do estabelecimento do cristianismo, se o demónio é que é a causa ou a ocasião de semelhantes factos?
Resta, pois, uma única solução. Serão os acontecimentos de Fátima obra de Deus? É cedo demais para responder com segurança a esta pergunta. A Igreja ainda não interveio, nomeando a respetiva comissão de inquérito."[6]

E assim se iniciou uma série de aparições, que se repetiriam no mesmo dia de cada mês, até outubro, quando a Senhora do Céu revelaria quem era e faria um milagre para que todos cressem[7].

---

[6] Ibidem, p. 58-60.
[7] Ibidem, p. 30.